

Doutoramento e perspectivas de integração profissional: um estudo baseado nos doutorados pela Universidade do Minho

Professional prospects for PhDs: a study based on the University of Minho

Doctoración y perspectivas de integración profesional: un estudio basado en los doctorados de la Universidad de el Minho

Carla Quintas, mestre em Sociologia pela Universidade do Minho.
Endereço: Universidade do Minho – Departamento de Sociologia.
CEP: 4710-057 – Braga, Portugal. Telefone: (00 351) 253604212.
E-mail: carquintas@gmail.com.

Emília Araújo, doutora em Sociologia pela Universidade do Minho.
Endereço: Universidade do Minho – Departamento de Sociologia.
CEP: 4710-057 – Braga, Portugal. Telefone: (00 351) 253604212.
E-mail: era@ics.uminho.pt.

Resumo

Este artigo fornece informação sobre os percursos profissionais dos doutorados, enfatizando a necessidade de debate teórico acerca das representações e dos lugares do doutoramento, face a contextos de ação cada vez mais complexos e diversos, caracterizados pelo aumento do número de doutorados e pelas dificuldades várias de entrada deles no mercado de trabalho, especialmente o acadêmico, e a persistência de uma representação dualista sobre os modos de aplicação e interesse do doutoramento nos contextos acadêmico e não acadêmico. O texto baseia-se em uma pesquisa realizada junto dos doutorados da Universidade do Minho, Portugal.

Palavras-chave: Doutoramento. Percurso. Atividade Profissional.

Abstract

This article aims to provide information for the characterization of the professional paths of doctorate holders, emphasizing the need for a profound theoretical debate on the representations people have about the Ph.D. This is particularly important when considering that action contexts are ever more complex and diverse, marked by a growing number of doctorate holders who find it increasingly difficult to enter an academic career. The text also provides insights regarding the persistence of a dual representation about the value of the Ph.D. in academic and non-worlds. The text uses information provided by a research study conducted at the University of Minho, in Portugal.

Keywords: Ph.D Degree. Career Path. Professional Activity.

Resumen

Este artículo suministra información sobre los recorridos profesionales de los doctorados, enfatizando la necesidad del debate teórico acerca de las representaciones y de los lugares de la doctoración, ante contextos de acción cada vez más complejos y diversos, caracterizados por el aumento del número de doctorados y por las dificultades variadas de ingreso de los mismos en el mercado de trabajo, especialmente el académico y la persistencia de una representación dualista sobre los modos de aplicación e interés de la doctoración en los contextos académico y no académico. El texto se basa en una investigación realizada con los doctorados de la Universidad de el Minho, Portugal.

Palabras clave: Doctoración. Recorrido. Actividad Profesional.

Introdução

O ensino superior e os sistemas de ciência e tecnologia na Europa passam hoje por tempos difíceis. Entre outras, identifica-

se uma dificuldade na governação equilibrada do conhecimento, particularmente no que respeita a adaptação dos mercados de trabalho ao crescente número de formandos em diversos graus de ensino, assim como a gestão da mobilidade internacional de quadros altamente qualificados. O estudo das trajetórias dos qualificados permite apreciar as motivações e as competências individuais, mas também as reais qualidades de formação e de validação dos sistemas de ensino, ciência e tecnologia em um país. A análise dos percursos profissionais tem estado bastante centrada na trajetória dos licenciados. Mas há mudanças significativas que atingem hoje as universidades e os sistemas de investigação e tecnologia. Parte delas é explicável pelas implicações que decorrem da introdução do modelo de Bolonha. Outra parte é explicável pelas sucessivas transformações nos sistemas político e educacional, devido a novas transformações no mapa da estratificação da ciência e tecnologia no mundo. Por isso, cresce o interesse em caracterizar e perceber os percursos dos mestrados (ARAÚJO, 2009) e dos doutorados (MANGEMATIN, 1999), assim como dos pós-doutorados. Com efeito, a observação dessas trajetórias permite, por um lado, monitorizar a adequabilidade dos mecanismos estruturais que alicerçam as mudanças e, por outro, caracterizar as motivações, as expectativas e os perfis da carreira na atualidade.

Em Portugal, o doutoramento, enquanto grau acadêmico e tal como nos demais países, sujeita-se a variadas interpretações no contexto atual, marcado pela perenidade da instabilidade econômica e escassez de acesso a recursos. Elas assumem, nos espaços concretos das universidades e unidades de investigação, posturas mediadas, ora por uma posição igualitarista, que assume a inevitabilidade da massificação do grau e o seu acesso a um número cada vez mais alargado de pessoas, ora por uma posição utilitarista e racionalizadora que o continua a atribuir, sobretudo, a um grupo de selecionados, antecipadamente escrutinados como os eleitos para o desempenho de atividades relacionadas com a investigação científica.

O terreno de interpretações e de sentidos construídos em redor do que é realmente válido e importante em ciência, assim como os

espaços legítimos para a investigação científica, é deveras ambíguo. Essa ambiguidade ocorre, desde logo, porque a maior parte dos falantes que assumem protagonismo no campo, nomeadamente no que concerne à estruturação dos programas, atribuição de financiamentos e definição de propinas, apresenta, em simultâneo, duas características: ou está demasiado implicada como participante em um dos setores do campo, grande parte das vezes circunscrita pelas subculturas de área científica; ou partilha princípios ideológicos sobre o ensino e sobre a definição de ciência bastante arraigados em fundamentos funcionalistas e utilitaristas, substancializados pela retórica etnocêntrica da excelência que tende a focalizar-se sobre a negatividade do aumento do número de doutorados, sobretudo quando as condições de mercado em uma determinada região não são favoráveis à sua integração. Tal como dissemos, trata-se, com efeito, de um terreno concreto de guerra de sentidos, por vezes com efetivo poder sobre as tomadas de decisão. Há autores que mostram a necessidade de haver maior adaptação entre a formação avançada e as necessidades do mercado de trabalho, argumentando em favor de alterações nos programas doutorais, de modo a aproximar as competências dos jovens cientistas às novas oportunidades de carreira científica fora do espaço acadêmico (OCDE, 1999; NAS, 1995).

Este texto fundamenta-se na ideia de que o aumento do número de doutorados não é só favorável ao desenvolvimento científico e tecnológico de um país. É também inevitável face à progressiva desvalorização dos graus de ensino no próprio mercado de trabalho, funcionando como válvula de escape para a obtenção de uma qualificação adicional em um mercado competitivo, volátil e incerto. Para além disso, alimenta diretamente a investigação científica, tanto no domínio fundamental como no aplicado. Para a discussão desses elementos, usa-se o estudo dos percursos de um grupo de doutorandos da Universidade do Minho, atendendo às principais motivações que os conduziram ao doutoramento, situação atual de carreira e expectativas futuras. Dá-se especial atenção aos percursos de mobilidade intersetorial, isto é, à tipicidade dos casos em que os doutorados optaram por trabalhar em empresas privadas e outras organizações que não universidades. A exposição orienta-se

pela hipótese segundo a qual, apesar das estratégias institucionais no sentido da promoção do emprego de doutorados em empresas e outros domínios dos setores privados, com o objetivo de gerar posturas empreendedoras, tem havido não só bastante resistência ao desenvolvimento do mercado de trabalho científico adequado, como os próprios doutorados consideram ser o seu principal desejo profissional a condução de atividades profissionais no contexto acadêmico dos centros de investigação.

O texto organiza-se em quatro pontos. Em um primeiro ponto, abordam-se as principais dimensões teóricas que fundamentam a análise das trajetórias dos doutorados, perspectivando-as como algo singulares, no contexto dos restantes graus de ensino. Após a metodologia, apresentam-se os dados empíricos, buscando salientar o papel das representações iniciais sobre o doutoramento nas próprias trajetórias, nomeadamente no que concerne ao desenvolvimento de esquemas de mobilidade intersetorial.

Problematizando a trajetória dos doutorados

A crescente consciencialização sobre a importância dos recursos humanos para o desenvolvimento tecnológico e científico de um país tem levado os governos nacionais a investir na sua formação, nomeadamente por meio da atribuição de bolsas de doutoramento (RECOTILLET, 2003) e do incentivo à abertura de cursos de doutoramento nas universidades. Um dos grandes objetivos desse apoio ao aumento do número de doutorados consiste na dinamização da investigação “empresarial”, considerando-se que só uma percentagem muito diminuta dos doutorados tende a desenvolver atividade profissional com carácter permanente fora das universidades e dos centros de investigação¹. No último relatório sobre a “Ciência em Portugal”, de 2010, faz-se menção explícita à necessidade de os programas doutorais deixarem a sua orientação exclusivamente teórica e incorporarem o “desenvolvimento de competências e capacidades importantes para uma vida profissional” (ASSEMBLEIA DA REPUBLICA, 2010, p. 43), entre as quais se incluem trabalho e visão estratégica, ética e trabalho

¹ Entre 1998 e 2007, o número total de bolsas de doutoramento concedidas pela FCT foi de 10.986.

colaborativo. Segundo dados do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, cerca de 86% do total de doutorados identificados em Portugal estavam a trabalhar em atividades de I&D em Portugal, no setor público ou privado, em 2009, representando um total de 17.010 (GPEARL, 2001). Apesar das diferenças entre anos, as tendências têm se mantido: os doutorandos são majoritariamente indivíduos que buscam a carreira de investigação ou veem no concurso à bolsa uma possibilidade de auferirem uma certa remuneração, sendo que os doutorados trabalham, predominantemente, no ensino superior público e privado, embora seja de registar um aumento do número daqueles que optam por sair do país.

O estudo realizado pelo Observatório da Ciência e do Ensino Superior, em 2006, acerca da “Situação profissional dos ex-bolseiros de doutoramento”, verificou que 55% dos ex-bolseiros a desenvolver atividades profissionais prosseguiram a carreira acadêmica, 14% eram investigadores e 12% eram bolseiros de pós-doutoramento. Apenas 14% exerciam “cargos diretivos, de gestão e assessoria” e “funções técnicas superiores e de consultoria”. São as instituições de ensino que mais empregam ex-bolseiros de doutoramento (74%), principalmente o ensino superior (70%). Comparando a situação profissional antes e depois da obtenção do grau, verificou-se que, dos ex-bolseiros que anteriormente não exerciam atividade profissional, a maioria iniciou atividade de docência no ensino superior (40%), 23% decidiram candidatar-se a uma bolsa de pós-doutoramento, 20% dedicam-se à investigação e apenas 13% desempenham funções técnicas superiores e de consultoria.

Lê-se no mencionado relatório, de 2010, sobre a ciência em Portugal, ser necessário

promover mecanismos de comunicação entre instituições de formação doutoral e do mercado de trabalho. Estes mecanismos deveriam envolver a circulação temporária de pessoas entre as várias instituições. Por exemplo, as universidades deveriam valorizar sabáticas em empresas ou na administração pública, assim como quadros de empresas ou da administração pública deveriam ser estimulados a leccionar ou estagiar periodicamente em universidades ou instituições

de I&D. Grandes empresas deveriam ser estimuladas a propiciar condições para que pequenas empresas inovadoras pudessem crescer em parcerias seleccionadas e projectar-se em mercados internacionais – por exemplo, através da contratação de doutorados, do financiamento de projectos de I&D e de *corporate venture capital* (ASSEMBLEIA DA REPUBLICA, 2010, p. 42).

Sabe-se que em 1999 as empresas portuguesas empregavam 104 doutores em atividades de I&D, registando-se um crescimento substancial entre 1995 e 1997 (praticamente duplicou), com uma estagnação relativa entre 1995-1997 (FONTES; CABRAL-CARDOSO; NOVAIS, 2005). Mas, como vem sendo notado em outros países (AURIOL, 2007), também em Portugal a evolução da formação dos recursos humanos não está a ser acompanhada por um crescimento das oportunidades de emprego dos doutorados, nem no mercado de trabalho académico nem no mercado de trabalho empresarial (CABRAL-CARDOSO; FONTES; NOVAIS, 2003; MANGEMATIN, 2000; OECD, 1999; LAVOIE; FINNIE, 1998; NRC, 1998). Esse facto constitui, sem dúvida, um indicador de desadequação entre as qualificações e competências dos indivíduos e as pretendidas por um mercado de trabalho em persistente mudança (FONTES; CABRAL-CARDOSO; NOVAIS, 2005). No entanto, há a considerar a relevância que as representações sobre os processos e as finalidades do doutoramento continuam a desempenhar nessa articulação, muito em especial atendendo ao fraco índice de procura dos doutoramentos por parte das empresas. Com efeito, no período 1997-2003 foi apoiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, por meio da Agência de Inovação (ADI), a inserção de 75 doutorados e 63 mestres em cerca de 50 empresas, em um valor de financiamento público que tinha atingido cerca de 1,2 milhões de euros em 2001². Mas os relatórios mais recentes mostram que as oportunidades de emprego dos doutorados no setor público (docência e investigação) estão a diminuir e a tornar-se cada vez mais precárias (FONTES; CABRAL-CARDOSO; NOVAIS, 2005). Também a penetração dos doutorados no mercado de trabalho empresarial tem carecido de ajustes no que concerne à adaptação a novos tipos de carreira científica (OCDE, 1999; NAS, 1995). Podemos continuar a admitir que hoje estamos perante uma economia informacional, global e em rede, em que a produtividade e a competitividade do mercado dependem, basicamente, da aplicação/

² Conselho de Laboratórios Associados. Disponível em: <<http://www.labsasociados.org/docs/EmpCientEstudo.pdf>>. Acesso em: mar. 2004.

gestão eficiente do conhecimento, potencializada pelo alargamento da rede de relações entre agentes econômicos geograficamente dispersos, mas em conexão permanente por meio das novas tecnologias da informação (COELHO, 1997³). Todavia, no que respeita a esse assunto, é relevante destacar, entre outros, o estudo de autores portugueses (FONTES; CABRAL-CARDOSO; NOVAIS, 2005), segundo o qual as empresas, ao contratarem pós-graduados, esperariam deles, sobretudo, a realização da interface entre a empresa e as fontes externas de conhecimento, nomeadamente as universidades, ao acompanharem a evolução científica e tecnológica nas suas áreas de conhecimento e identificarem os desenvolvimentos de interesse estratégico. Segundo o mesmo estudo, as empresas que não contratam pós-graduados consideram que eles possuem formação demasiado especializada, pouca flexibilidade para desempenhar atividades em outras áreas e revelam dificuldades de integração (FONTES; CABRAL-CARDOSO; NOVAIS, 2005).

Em Portugal, as representações em torno do doutoramento estiveram associadas ao desempenho, em exclusividade, da carreira acadêmica. Essa representação é ainda dominante, quer em termos de público especializado – acadêmicos e investigadores –, quer dos cidadãos em geral. Em outras palavras, as empresas continuam a remeter o doutoramento para o contexto mais acadêmico. Os próprios doutorados mantêm uma identidade que se constrói na base da importância atribuída à investigação realizada nas universidades. Isso evidencia uma desvalorização pré-assumida da componente empresarial (CABRAL-CARDOSO, 1999; DUBINSKAS, 1985 apud FONTES; CABRAL-CARDOSO; NOVAIS, 2005; MANGEMATIN, 2000).

É um fato que a inserção profissional constitui um processo de construção pessoal e social sujeito a fatores sociais que interagem positiva ou negativamente, resultantes da interseção entre a dimensão estrutural e a individual (ROSE, 1998; GALLAND, 1991; DUBAR, 2001; TROTTIER, 2001). E, no caso das trajetórias de investigadores, a ênfase colocada na iniciativa individual é crescentemente mais marcante, porque se considera ser um percurso alimentado grandemente pelos ciclos de reconhecimento, prestígio e mobilidade. Tal como se

³ Documento sobre Sociedade da Informação. Disponível em: <<http://www.inst-informatica.pt/o-instituto/resenha-historica/publicacoes/revista-informacao-informatica/Revista18.pdf>>. Acesso em: mar. 2009.

afirma na teoria do capital humano, trata-se de assumir a existência de um percurso em que o próprio indivíduo é o principal agente de oportunidades de carreira, atendendo ao fato de ser também agente de desenvolvimento, transporte e transformação de conhecimento no conjunto de mobilidades que desenvolve (DIETZ, 2004). É relevante a tese segundo a qual essa mobilidade, ao verificar-se entre setores, designadamente entre o acadêmico e o empresarial, favorece o aumento de produtividade (DIETZ, 2004), porque a circulação de conhecimento não diz respeito apenas à transferência de conhecimento de um lado para outro. Ela confronta o investigador com novos problemas e novas possibilidades de inovação, influenciado quantitativa e qualitativamente no desenvolvimento dos percursos da sua vida.

Metodologia

A informação sobre emprego de doutores no setor empresarial é relativamente escassa e desatualizada (FONTES; CABRAL-CARDOSO; NOVAIS, 2005). A pesquisa empírica que conduzimos combina três tipos de análise: a) uma análise centrada sobre a pesquisa documental, alimentada por dados estatísticos relativos à situação de Portugal e da Europa; b) uma análise de informação recolhida por meio de inquérito por questionário aos doutorados da Universidade do Minho, que concluíram o seu doutoramento entre 2003 e 2008; e c) uma análise de conteúdo de entrevistas semiestruturadas conduzidas a doutorados com experiência profissional em empresas e outras instituições que não universidades.

De acordo com os dados fornecidos pela Universidade do Minho, entre janeiro de 2002 e outubro de 2008, foram concluídos 568 doutoramentos, nomeadamente nas áreas das engenharias (41,9%), Educação e Psicologia (18,1%) e Ciências (12,3%). Os restantes pertencem às Ciências Sociais (7,2%), Estudos da Criança (7%), Economia e Gestão (4,4%), Humanidades (4%), Ciências da Saúde (4%), Arquitetura (0,5%) e Direito (0,4%).

O questionário foi enviado por e-mail a todos os 568 doutorados pela Universidade do Minho, sendo de notar que parte foi devolvida,

dado que alguns endereços eletrônicos já não funcionavam. Outra parte não foi respondida, não obstante os esforços desenvolvidos. De todos os pedidos realizados, apenas se obteve a resposta de 92 doutorados. A informação relativa a esses 92 doutorados foi tratada, tendo sido possível marcar sete casos em que os percursos revelaram um perfil de trajetória mais ligada ao mundo empresarial. A partir dessa sinalização, contataram-se esses doutorados, tendo sido solicitada a sua colaboração para uma entrevista. A entrevista versou sobre os temas que constam também do questionário, embora tenha seguido uma estrutura mais aberta e reflexiva.

Em ambos os casos – inquérito por questionário e entrevista –, o número de doutorados constitui uma limitação do estudo, que tem, por isso, um caráter eminentemente exploratório. Importa afirmar, por um lado, que essa limitação se regista na maior parte dos estudos efetuados sobre a temática, dada a falibilidade das bases de dados existentes nas instituições para contato pessoal, assim como a baixa prestação dos próprios inquiridos. Além disso, importa acrescentar que a informação recolhida revela um grau elevado de consistência, quando comparada com os resultados obtidos em outras pesquisas em Portugal e na Europa.

Perfis de trajetória: precariedade e reduzida mobilidade intersetorial

Os dados confirmam a existência de mudanças estruturais no que respeita aos recursos humanos em ciência e tecnologia. Com um aumento significativo de bolsas registrado a partir do ano 2005, acompanhado da redução drástica nas entradas na carreira académica – aquela que mais estabilidade confere a quem deseje trabalhar na investigação –, o trabalho na ciência tem revelado fortes reconfigurações, pois refere-se a uma atividade crescentemente desenvolvida por bolseiros. A maioria dos doutorados inquiridos encontra-se em situação de contrato a termo (60,9%) e apenas 27,2% têm contrato permanente. Os restantes ou estão com bolsas de investigação (5,4%), contrato temporário (2,2%) ou contratos de prestação de serviços (2,2%). Apesar da situação contratual, quase todos exercem a sua actividade

profissional principal a tempo integral (92,4%), o que não significa que não desempenhem outro tipo de atividade.

Quadro 1. Situação contratual atual dos doutorados

Tipo de contrato (%)		Natureza do contrato (%) atividade actual principal (%)		Natureza do contrato (%)	
A termo	60,9				
Permanente	27,2	Tempo parcial	3,3	Pós- doutoramento	32,6
Prestação de serviços	2,2	Tempo integral	92,4	Não pós- doutoramento	51,1
Temporário	2,2	NR	4,3	NR	16,3
Bolsa de investigação	5,3	Total	100	Total	100
NR	2,2				
Total	100				

Fonte: Questionário N=92.

Como se pode verificar, as carreiras dos pós-graduados constituem-se por percursos quase exclusivamente académicos, muito marcados pela precariedade. Um número considerável (32,6%) de doutorados prosseguiu para pós-doutoramento em situação de bolsa de pós-doutoramento, permanecendo em situação precária (bolsas e contratações a termo). Delimitaram-se seis perfis de mobilidade intersetorial apresentados no Quadro 3.

O primeiro perfil representa o maior número de doutorados (81,5%) e diz respeito aos indivíduos que sempre trabalharam no mesmo setor de atividade (ensino superior, na universidade), desde o final da licenciatura até a atualidade (UNI-UNI-UNI). O segundo perfil representa os indivíduos que, após a licenciatura, foram trabalhar para o mercado empresarial e, ao iniciar o doutoramento, foram trabalhar, exclusivamente, para a universidade (EMP-UNI-UNI – 2,2%). O terceiro perfil agrupa os indivíduos que sempre conciliaram duas atividades profissionais em, pelo menos, dois tipos de setores, desde o final da licenciatura até a atualidade (UNI&EMP-UNI&EMP-UNI&EMP – 2,2%). O quarto perfil representa uma minoria e diz respeito aos indivíduos que inicialmente trabalhavam fora e dentro da universidade, mas que, ao

iniciar o doutoramento, se dedicaram, unicamente, à carreira acadêmica (UNI&EMP-UNI-UNI-1,1%). No quinto perfil, agruparam-se os indivíduos que trabalham no setor empresarial e que apenas estiveram a trabalhar na universidade enquanto efetuaram o doutoramento (EMP-UNI-EMP – 3,3%). O sexto perfil contempla os poucos indivíduos que no final da licenciatura trabalhavam na universidade, mas que durante e após o doutoramento foram trabalhar para empresas (UNI-EMP-EMP – 1,1%). Por fim, no último perfil, temos os casos, também raros, de indivíduos que iniciaram a vida profissional na universidade, mas que durante o doutoramento e ainda hoje conciliam o trabalho acadêmico com o trabalho empresarial (UNI-UNI&EMP-UNI&EMP – 1,1%).

Quadro 2. Perfis de mobilidade intersetorial

Mobilidade intersetorial	Gênero		Total
	Masculino	Feminino	
UNI-UNI-UNI	33,7	47,8	81,5
EMP-UNI-UNI	0	2,2	2,2
UNI&EMP-UNI&EMP-UNI&EMP	2,2	0	2,2
UNI&EMP-UNI-UNI	1,1	0	1,1
EMP-UNI-EMP	3,3	0	3,3
UNI-EMP-EMP	0	1,1	1,1
UNI-UNI&EMP-UNI&EMP	0	1,1	1,1
NR	2,2	5,4	7,6
Total	42,4	57,6	100,0

Fonte: Questionário realizado a doutorandos da UM. N=92.

Os perfis apresentados indicam que a maioria dos inquiridos tem uma trajetória profissional essencialmente acadêmica (88,2%), ou seja, tem exercido a atividade profissional principal em universidades. Os doutorados que estão e/ou estiveram durante o doutoramento a trabalhar fora das universidades, em empresas, são tendencialmente do sexo masculino (Quadro 1), têm idades entre 30 e 39 anos e pertencem, por ordem, às Ciências da Saúde, Ciências Econômicas e Ciências da Educação e Psicologia.

Motivos para o doutoramento: a carreira acadêmica, sobretudo

Os resultados do questionário indicam que os principais motivos para a realização do doutoramento foram a valorização profissional (78,3%), a valorização pessoal e intelectual (68,5%) e a possibilidade de trabalhar na investigação científica (62%). Note-se que o peso da valorização profissional poderia constituir uma mais-valia no que concerne ao mercado de trabalho empresarial. Contudo, ela está fortemente associada à carreira de investigação e docência, pois é no setor do ensino superior que a maioria dos doutorados se encontra a trabalhar. Um resultado interessante é que, contrariamente à ideia de senso comum de que a entrada no doutoramento surge como meio de contrariar a falta de emprego fora da universidade, os resultados do inquérito indicam que nem o fato de aceder à bolsa ou a ausência de outra oportunidade de emprego são os fatores que mais contribuem para a tomada de decisão de prosseguir o doutoramento (40,2% dos inquiridos revelam que ter uma bolsa de doutoramento não contribuiu para a decisão de efetuar o doutoramento e 45,7% dizem que o fato de não ter outra oportunidade de trabalho não contribuiu para prosseguir os doutoramentos).

Prevalece a ideia de que a realização do doutoramento os conduz à universidade como espaço de atividade profissional. Em um dos casos que entrevistamos, a atual doutorada conta que estava a realizar um estágio em uma empresa de bebidas, mas que, ao ter sido convidada para realizar o doutoramento e candidatar-se à bolsa, sentiu-se obrigada a decidir se viria “para a universidade ou para a indústria” (E5). Essa história é bastante frequente, dando conta do fato de muitas carreiras na área da investigação terem se desencadeado por acaso e não por desejo efetivo por parte do doutorado. Contudo, tal como dissemos anteriormente, distinguem-se pelo fato de exigirem uma “tomada de decisão”, que exige do doutorado uma posição definida ou pela academia ou pela indústria. Com efeito, a maioria dos percursos identificados refere-se a doutorados para quem o doutoramento surgiu como um requisito central para a permanência na carreira acadêmica e de investigação. Uma doutorada afirma que “foi por isso [a carreira] que tirei o doutoramento, para ficar, tirei como outro qualquer, enfim

[...] era preciso ser doutor e eu, pronto, olha, sim senhora vamos lá [...]” (E3).

O número de doutores com ligação a empresas e a outras instituições é reduzido. Destaca-se o fato de o doutoramento ser interpretado como algo que facilita a conjugação de interesses mais acadêmicos com interesses relacionados com o prestígio ao nível empresarial. Os entrevistados consideram que o doutoramento constitui uma forma de desenvolver competências profissionais, além de facilitar o acesso a certos mercados de emprego altamente valorizadores dos graus acadêmicos. Nessa linha, diz um doutorado:

A utilidade [...] eh um [...] portanto, primeiro, se eu sou professor universitário e aí é muito útil ser doutorado [...] eh [...] eu dou aulas [...] Obviamente, a carreira de investigador ou de docente implica cada vez mais ser doutorado e, portanto, uma das razões pelas quais eu decidi logo investir no doutoramento foi, obviamente, tendo em conta esta função [...] tem outras vantagens que pode dar [...] como empresário ou profissional de prática privada um doutorado também acaba por contribuir para o aumento não só das competências mas também para a credibilidade em termos de imagem perante o cliente ou para o doente que me procura ehh, o que, obviamente, depois, se reflecte numa maior procura da actividade [que desenvolvo]. Portanto, acho que há um ganho substancial no facto de ter investido no doutoramento, quer para a área docente, quer para o aumento da credibilidade do que tenho vindo a fazer ao longo do tempo (E1).

Assim, a utilidade do doutoramento é o [...] enriquecimento pessoal e académico, melhores perspectivas de empregabilidade, contacto com o contexto de investigação científica e uma forma de combater o desemprego e desenvolver experiência profissional (E2).

E a engenheira biológica também afirma: “Querida aprofundar as minhas capacidades para investigar, na minha área de investigação e, dentro das alternativas que eu considerava válidas naquela altura, o doutoramento pareceu-me a melhor delas”.

Note-se que a vontade em desenvolver investigação no mercado empresarial sobressai nas Ciências Exatas (100%), nas Ciências da Saúde (54,6%) e nas engenharias (31,6%). A valorização pessoal e

intelectual é mais vezes referida pelos doutorados das ciências sociais, área em que é maior a percentagem de doutorados que afirma fazer um doutoramento porque se encontrava desempregado.

A maioria dos inquiridos efetuou o doutoramento em uma só universidade (85,9%). Para além de ser a modalidade mais antiga, é a que mais se enquadra no perfil profissional desses doutorados, cuja atividade principal se liga à universidade. Apenas 12% dos inquiridos fizeram doutoramento misto, ou seja, em uma universidade portuguesa (nesse caso, na Universidade do Minho) e em uma universidade estrangeira; e ainda um menor número, 2,2%, fez doutoramento em empresa.

A maioria dos doutorados segue carreiras acadêmicas e os que apresentam mobilidade intersetorial desejam trabalhar na carreira acadêmica, constatação que se pode fazer por meio das sete entrevistas efetuadas. Notemos, por exemplo, o caso da entrevistada com formação em engenharia (E5) que, não tendo oportunidade de estabilizar na carreira acadêmica, decidiu abrir uma empresa privada, tendo considerado que o doutoramento não lhe “traria mais-valia nenhuma”. Inclusive, pensou em desistir, embora considere que lhe tem sido muito vantajoso em termos de carreira acadêmica (mas não empresarial).

Ela afirma: “Ultimamente tenho sentido que o doutoramento me traz algumas vantagens, nomeadamente porque os institutos e universidades pedem cada vez mais pessoas para dar aulas, mas que tenham o doutoramento”.

Salienta, ainda, que as universidades começam a valorizar os doutorados cujos percursos profissionais incluem experiências fora da academia. Por isso, entende que a trajetória profissional é vantajosa porque: “[...] [as universidades] também querem pessoas que estejam nas empresas e isso tem-me posto um bocadinho em vantagem em relação a uma pessoa que tenha feito o doutoramento e que tenha ficado sempre na universidade”.

Um dos outros entrevistados que tem um percurso externo à universidade, proprietário de uma empresa de consultoria privada na área das Ciências Sociais, admite que o fato de ter construído a empresa foi uma forma de antecipar dificuldades de acesso à carreira acadêmica, porque, na verdade, o doutoramento decorreu do desejo de exercer a atividade docente na universidade: “[...] obviamente a carreira de investigador ou de docente implica cada vez mais ser doutorado, ehh [...] e, portanto, uma das razões pelas quais eu decidi logo investir no doutoramento foi, obviamente, tendo em conta esta função [docência]”.

O entrevistado considera que o doutoramento lhe traz uma vantagem competitiva no mercado empresarial, uma vez que favorece a sua imagem perante os clientes:

[...] como empresário ou profissional de prática privada um doutorado também acaba por contribuir para o aumento, não só das suas competências, mas também para a credibilidade, em termos de imagem, perante o cliente. O que obviamente depois se reflecte numa maior procura da actividade, neste caso [desta área] (E1).

Mas o desejo de ser docente e/ou investigador é, por vezes, tão forte que o doutoramento justifica o total distanciamento face a outras atividades profissionais desenvolvidas em outros setores. Um dos entrevistados, licenciado em Engenharia de Informática, trabalhou em uma empresa de desenvolvimento de software. Ele considera que a sua área de doutoramento, em informática, só faz sentido no contexto acadêmico e que as empresas tiram pouco partido da investigação, excetuando aquelas especialmente dirigidas para a investigação e o desenvolvimento. Ele ainda veicula uma opinião negativa sobre o desenvolvimento de um doutoramento em uma empresa, por considerar que ela não confere a mesma importância à investigação. Esse doutorando afirma:

Além de que estando na empresa, as empresas depois tentam aproveitar sempre um bocado e dizem: “ah! tem aqui a pessoa para fazer doutoramento!”. Mas tentam sempre aproveitar as pessoas para fazer outras coisas que acabam por não ter muito a ver [...] eles pagam a percentagem deles e acabam por pensar que, num aperto, têm ali um

recurso e acabam por usá-lo para outras coisas que não têm nada a ver [...] o facto de não ter escolhido doutoramento em empresa - e teve essa oportunidade - foi porque desta forma consigo estar exclusivamente e completamente focado no trabalho de doutoramento, sem me desviar [...] O que o doutoramento traz de novo é que refina muito e também é uma grande evolução em termos de capacidades pessoais, porque permite entrar em contato com um mundo que [...] a maioria das pessoas que não está em doutoramento não se apercebe que existe, um mundo onde é preciso perceber as coisas, saber porque é que as coisas se fazem, porque é que é assim e não é de outra maneira! [...] Muitas vezes, isso [o porquê das coisas] passa completamente ao lado de qualquer licenciado. Portanto [...] usam as coisas, fazem as coisas, mas não sabe porque é que é assim, porque é que não é, nem sequer se questionam sobre isso e acaba, nalgumas situações, em dar algumas vantagens. Pelo menos na minha área, é bom para a determinação de problemas ou melhoria de alguns aspectos que estejam a fazer ou a desenvolver. Seja o que for! (E7).

Apesar do número de bolsas de doutoramento em empresa ainda representar uma percentagem reduzida no total de doutoramentos, essa modalidade tem aumentado. Em 2004, foram atribuídas 14 bolsas de doutoramento em empresa; em 2007, foram 94 (DELOITTE CONSULTORES S.A, 2008). Não obstante o crescimento, o doutoramento em empresa é uma modalidade recente de condução do doutoramento e normalmente implica projetos de investigação com interesse para a empresa e cujo desenvolvimento permite ao estudante a obtenção do grau de doutor, conferido pela universidade (ADI, 2009⁴). Ainda com pouca visibilidade, o primeiro concurso para esse tipo de bolsas iniciou-se em 2003/2004, com a atribuição de 14 bolsas, das quais 50% pertencem a ex-doutorandos da Universidade do Minho. De qualquer modo, os resultados indicam que o doutoramento em empresa não é procurado como idealmente se suporia, embora se assista a alguma variação entre áreas que se prendem com a própria tipologia da empresa: quanto mais relacionada com a produção de investigação, mais preferências reúne da parte dos candidatos (ADI, 2009). Tal como evidencia Fontes (2007), os próprios entrevistados e inquiridos veiculam uma representação do doutoramento que contempla a sua maior “utilidade” no mercado acadêmico e a pouca “aplicabilidade” no domínio empresarial.

⁴ Documento sobre bolsas de doutoramento em empresa. Disponível em: <<http://www.adi.pt/BDE.htm>>. Acesso em: fev. 2009.

Os doutorados que investem no doutoramento com o objetivo de ingressar na carreira acadêmica e que, posteriormente, não conseguem alcançar esse objetivo acabam por sentir alguma frustração. Por exemplo, a engenheira ambiental que foi destacada para uma universidade em outro país e que está lá há dois anos sem exercer, porque a universidade ainda não abriu um curso, expressa a opinião de que o doutoramento em Portugal serve “apenas para estatísticas [...] Para além de ingressar numa carreira académica, lamentavelmente, nenhuma utilidade no nosso país!” (E4).

Esses dados enfatizam a ideia de que as experiências de empreendedorismo ou de trabalho em outro contexto externo à universidade surgem, sobretudo, por uma questão de “sobrevivência profissional”. Efetivamente, apesar dos constrangimentos ao longo do doutoramento, a maioria dos inquiridos refere nunca ter pensado em desistir desse percurso (79,3%), alguns pensaram desistir algumas vezes (16,3%) e raros foram aqueles a quem essa ideia lhes surgiu muitas vezes (3,3%).

Nota conclusiva

Em Portugal tem sido bastante lenta a assimilação das vantagens inerentes ao aumento do nível educacional das populações, muito em concreto no que se refere a graus de algum modo superiores, como o mestrado, o doutoramento e o pós-doutoramento. Ainda arraigadas a profundos mecanismos cognitivos de natureza funcional, os modelos representacionais continuam bastante sedimentados na ideia de separação entre mundos acadêmicos e mundos não acadêmicos, assim como na ideia sobre a legitimidade máxima da universidade e dos centros de investigação como contextos quase únicos para o desenvolvimento do trabalho de investigação e inovação científica. Os dados que aqui tratamos revelam realidades representacionais dessa ordem, algumas já verificadas em outros estudos anteriores (SILVA et al., 1990; SANTOS, 2003; FONTES, 2007; GODINHO, 1995), acrescidos do fato real traduzido pelo difícil escoamento dos doutorados, tanto no setor acadêmico, como no setor empresarial privado, com efetiva implicação

sobre o aumento das saídas de Portugal, especialmente notadas a nível da procura de pós-doutoramentos. Uma das conclusões centrais que retiramos deste estudo é a de que os doutorados permanecem com a ideia de que o doutoramento é um passo relevante que dão na sua trajetória, no sentido de potenciar a entrada no mundo do ensino e da investigação sediada em instituições do ensino superior.

É certo que os novos modelos de avaliação de desempenho têm enfatizado a relevância do diálogo entre universidade e meio envolvente, em particular, no que respeita à circulação, transferência e transformação do conhecimento que, como adiantamos, exige mobilidade de pessoas. Parte da argumentação sobre as condições e os processos de inovação passa por essa assunção. Segundo alguns autores, o fechamento da carreira académica favorece a existência de maior ligação entre o mercado académico e o mercado empresarial, potenciando, por um lado, mais focos de empreendedorismo na área da investigação, desencadeado por doutorados cujas temáticas de investigação podem não corresponder de forma linear às áreas de atividade, e, por outro, maior adaptação das formações doutorais a percursos dedicados ao desenvolvimento de projetos nas áreas de investigação fundamental e aplicada com potencial económico. Esse é um caminho a percorrer, na sua diversidade, flexibilidade e ajuste. Mas é também fundamental, tal como haviam preconizado alguns clássicos, (WEBER, 1979) trabalhar mais no domínio das representações, sobretudo na desconstrução da rigidez que essas representações veiculam em termos da definição dos lugares, processos e protagonistas envolvidos. Daí que a exploração comparativa sobre os contextos culturais e organizacionais em que surgem e se ministram os doutoramentos, assim como as suas modalidades de funcionamento, ajudará, na nossa perspectiva, a melhor situar os contributos do doutoramento na sua definição original de veículo de geração de conhecimento e na sua tradução imediatamente produtiva.

Recebido 31/12/2010
Aprovado 16/02/2012

Referências bibliográficas

ADI. **Bolsas de doutoramento em empresas**. 2009. Disponível em: <<http://www.adi.pt/BDE.htm>>. Acesso em: 20 fev. 2009.

ARAÚJO, E. With a rope around their necks: Grant researchers living in a suspended time. **New Technology, Work and Employment**, v. 11, n. 3, p. 230-242, 2009.

ASSEMBLEIA DA REPUBLICA. **A Ciência em Portugal**. 2010. Disponível em: <<http://app.parlamento.pt/comissoes/RelatorioCienciaPortugal.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2012.

AURIOL, L. Les caractéristiques du marché du travail et la mobilité internationale des titulaires de doctorat: résultats pour sept pays. In: **Documents de travail sur la science, la technologie et l'industrie**. Éditions OCDE, 2007. Disponível em: <<http://lysander.sourceoecd.org/vl=1355901/cl=15/nw=1/rpsv/cgi-bin/wppdf?file=5l4tpmwtjdmw.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2009.

CABRAL-CARDOSO, C. A perspectiva de uma carreira de I&D na indústria: perfis de receptividade e de relutância em pós-graduados. In: GODINHO, M.; CARAÇA, J. (Eds.). **O futuro tecnológico**. Oeiras: Celta, 1999. p. 191-206.

CABRAL-CARDOSO, C.; FONTES, M.; NOVAIS, A. Q. **A Integração de Pós-graduados nas Empresas e as Políticas de Formação Avançada de Recursos Humanos na Década de 90**. Braga: Universidade do Minho, 2003.

COELHO, D. J. A sociedade da informação. Um desafio para a Europa. **Informação & Informática**, n. 18, 1997. Disponível em: <<http://www.inst-informatica.pt/o-instituto/factos-historicos/publicacoes/revista-informacao-informatica/Revista18.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2009.

DELOITTE CONSULTORES S.A. **Estudo comparativo de bolsas de doutoramento e pós-doutoramento**. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2008.

DIETZ, J. **Scientists and Engineers in Academic Research Centers – An examination of career patterns and productivity**. Georgia: Institute of Technology, 2004.

DUBAR, C. **La socialization: construction des identités sociales et professionnelles**. Paris: Armand Colin, 2001.

FONTES, M. Technological entrepreneurship and capability building in biotechnology. **Technology Analysis and Strategic Management**, v. 3, n. 19, p. 351-367, 2007.

FONTES, M.; CABRAL-CARDOSO, C.; NOVAIS, A. Q. Emprego de jovens cientistas no sector empresarial: expectativas e realidade. **Comportamento Organizacional e Gestão**, v. 1, n. 11, p. 7-23, 2005. Disponível em: <<http://www.ineti.pt/download.aspx?id=CF7B9F449E188520A9ADC9FCDF6B90FA>>. Acesso em: 20 jun. 2009.

GALLAND, O. **Sociologie de la jeunesse**. L'entrée dans la vie. Paris: Armand Colin, 1991.

GODINHO, M. M. Difusão internacional de tecnologia e perspectivas de convergência. Onde se encontra a economia portuguesa? **Sociologia, Problemas e Práticas**, v. 18, p. 9-21, 1995.

GPEARI. **Fluxos e situação profissional dos doutorados em Portugal – 2009**. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2001.

LAVOIE, M.; FINNIE, R. A Dynamic Analysis of the Flows of Canadian Science and Technology Graduates into the Labour Market. **Science and Technology**, Statistics Canada, 1998.

MANGEMATIN, V. PhD job market: professional trajectories and incentives during the PhD. **Research Policy**, v. 29, p. 741-756, 1999. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/B6V77-4096569-4/2/e39e46c71373b36e8b3a3405d34d9ca6>>. Acesso em: 25 jun. 2009.

_____. PhD Job Market: Professional Trajectories and Incentives During the PhD. **Research Policy**, v. 6, n. 29, p. 741-756, 2000.

NAS (NATIONAL ACADEMY OF SCIENCE). **Science, Policy, and the Coast: Improving Decision-making**. Washington, D.C.: The National Academy Press, 1995.

NRC (NATIONAL RESEARCH COUNCIL). **Trends in the Early Careers of Life Scientists**. Washington, D. C.: The National Academy Press, 1998.

OECD. **Mobilising, Human Resources for Innovation**. Proceedings from the OECD Workshop on Science & Technology Labour Markets. Paris: OECD, 1999. Disponível em: <http://www.oecd.org/document/50/0,3343,en_2649_34293_1813682_1_1_1_1,00.html>. Acesso em: 27 jun. 2009.

RECOTILLET, I. Availability and characteristics of surveys on the destination of Doctorate recipients in OECD countries. **STI Working Paper**, n. 9, 2003.

ROSE, J. **Les jeunes face à l'emploi**. Paris: Desclée de Brouwer, 1998.

SANTOS, D. Os caminhos da inovação em Portugal – continuidade ou ruptura. Nova Economia e Desenvolvimento Regional. In: ENCONTRO NACIONAL DA APDR, 9., 2003, Coimbra. **Atas...** Coimbra: APDR, 2003. p. 309-324. v. 1.

SILVA, M. et al. **Empresários e gestores na indústria portuguesa: valores, atitudes e comportamentos**. Lisboa: CISEP/ISEG, 1990. Relatório de Pesquisa (2 vols).

TROTTIER, C. La sociologie de l'éducation et l'insertion professionnelle des jeunes. **Éducation et Sociétés**, n. 7, p. 93-101, 2001.

WEBER, M. **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Ed. Atlas, 1979.